

PAULO FREIRE, PATRONO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Moacir Gadotti

Diretor do Instituto Paulo Freire
Professor Titular da Universidade de São Paulo

No dia 13 de abril de 2012, por meio da Lei n.º 12.612, sancionada pela Presidenta Dilma Roussef, Paulo Freire tornou *Patrono da Educação Brasileira*. O projeto desta lei foi de autoria da Deputada Luiza Erundina que, na Prefeitura de São Paulo (1989-1992), teve Paulo Freire como Secretário Municipal de Educação. Muitos aplaudiram essa iniciativa pois, assim, o seu pensamento poderia estar ainda mais presente no *ethos* de toda a educação brasileira. Outros se sentiram incomodados pois não reconhecem a importância da sua obra.

Neste pequeno artigo gostaria de fazer a defesa dessa justa homenagem, lembrando um pouco da sua trajetória, começando por Angicos, no Rio Grande do Norte, onde, há 50 anos (1962-1963) ele se notabilizou, internacionalmente, por uma extraordinária experiência de educação de adultos.

Essa data não lembra apenas um projeto de alfabetização. O projeto político-pedagógico de Paulo Freire foi fundamentalmente um repensar da própria educação em geral e da educação pública, em particular, como uma contribuição para a constituição da democracia e da cidadania. O experimento de Angicos era apenas o primeiro passo do *Programa Nacional de Alfabetização* que visava a eliminar o analfabetismo no Brasil como compromisso ético e político.

Paulo Freire analisou, como poucos, a importância das políticas educacionais libertadoras, criticando a educação bancária, e propôs novos instrumentos técnico-metodológicos que estabeleceram os princípios fundantes qualitativos de procedimentos pedagógicos e de pesquisa científica na área de educação, potencializando a criação de novas epistemologias e de novas filosofias políticas da educação. A alfabetização é um passo necessário, porém insuficiente, para a consolidação deste projeto de cidadania democrática libertadora.

Angicos não é apenas um símbolo da luta contra o analfabetismo no Brasil. É um marco da luta pela universalização da educação em todos os graus, superando a visão estreita de que os graus superiores são destinados apenas aos segmentos das elites e das vanguardas. Angicos foi um projeto de cultura popular que imaginou e concebeu um projeto nacional de educação para a *sociedade democrática com justiça social*.

A pergunta que podemos fazer hoje é a seguinte: esse projeto de uma educação para a construção de uma sociedade democrática com justiça social é ainda válido? Caso não seja válido, já não haveria mais porque continuar lendo Paulo Freire. Ou melhor, Paulo Freire seria um autor já superado, porque sua luta pela democracia e pela justiça estaria superada. Ele passaria para a história como um grande educador, mas que não teria mais nada a dizer para o nosso tempo e, particularmente, à educação brasileira.

Pelo contrário, creio que a sua pedagogia continua válida não só porque precisamos ainda de mais democracia, mais cidadania e de mais justiça social, mas, porque a escola e os sistemas educacionais encontram-se hoje frente a novos e grandes desafios diante da generalização da informação na sociedade que é chamada por muitos de sociedade do conhecimento, de sociedade da aprendizagem. A escola, nesse novo contexto precisa ser um espaço organizador dos múltiplos espaços de formação, precisa tornar-se um "círculo de cultura", como dizia Paulo Freire, muito mais gestora do conhecimento social do que lecionadora.

Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire é mais atual do que nunca, pois, em toda a sua obra ele insistiu nas metodologias, nas formas de aprender e ensinar, nos métodos de ensino e pesquisa, nas relações pessoais, enfim, no diálogo.

Devemos continuar estudando a sua obra, não para venerá-lo como a um totem ou a um santo, nem para ser seguido como a um guru, mas para ser lido como um dos maiores educadores críticos do século XX. Honrar um autor é sobretudo estudá-lo e revê-lo criticamente, retomar seus temas, seus problemas, seus questionamentos.

Alguns certamente gostariam de deixá-lo para trás na história das ideias pedagógicas e outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas. Ele não queria agradar a todos. Mas havia uma unanimidade em todos os seus leitores e todos os que o conhecerem de perto: o respeito à pessoa. Paulo sempre foi uma pessoa cordial, muito respeitosa. Podia discordar das ideias, mas respeitava a pessoa, mostrando um elevado grau de civilização.